



CONCESSÃO DAS BARCAS

Agência reguladora não se opõe a acordo
Estado e concessionária negociaram a prorrogação do contrato por até dois anosPARA
ACESSAR
APONTE
O CELLULAR
PARA
O QR CODE

PASSADO QUE ASSOMBRA

Um ano após tragédia, cem pontos afetados pelas chuvas em Petrópolis não passaram por obras

GIULIA VENTURA
giulia.ventura@oglobo.com.br

Um ano após a tragédia que deixou 241 mortos em Petrópolis, na Região Serrana do Rio, pelo menos cem pontos afetados pelas chuvas ainda não passaram por obras, como aponta o Ministério Público. A Promotoria, que cita essas áreas em 26 ações civis públicas, afirma que nem a prefeitura da cidade serrana nem o estado assumiram a responsabilidade por fazer essas intervenções em trechos de grande risco para a população. O mapeamento foi feito com base em laudos do Departamento de Recursos Minerais (DRM), do governo estadual.

— Esse levantamento definiu as áreas de riscos remanescentes e indica as condições em que essas regiões se encontram. Ou seja, pela vistoria, ainda há possibilidade de novos deslizamentos, e não precisa de uma condição de intensa pluviosidade — explica o professor de engenharia geotécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Marcos Barreto.

NOVO TEMPORAL ASSUSTA

Com as chuvas intensas dos últimos dias, o risco de novos desmoronamentos e enchentes ronda os sobreviventes da tragédia. Ontem, um temporal acionou as sirenes em áreas de risco na cidade, dois rios transbordaram e a prefeitura abriu pontos de apoio para receber moradores.

— Até o momento, o que vemos é que fomos esquecidos pelo poder público. Muito pouco foi feito até agora. Petrópolis está abandonada — diz Cristiane Gross, que morava com a família no Morro da Oficina na época da tragédia e perdeu nove parentes soterrados. — A impressão que dá é que morreu, acabou. E nós tínhamos vida naqueles locais. Choro todos os dias. Meu maior sentimento é a saudade, mas o segundo é a revolta.

Promotora da 1ª Promotoria de Justiça de Tutela Coletiva de Petrópolis, Zilda Januzzi Beck afirma que a prefeitura fez intervenções para que a cidade retomasse seu funcionamento. Já o estado,



MÁRCIA FOLETTO

Sobreviventes. Adalto da Silva ao lado da filha Joyce, no Morro da Oficina, local da tragédia: ele perdeu a mulher e a filha de 6 anos e ainda procura o filho Lucas, de 21

diz a promotora, ainda faz licitações de alguns projetos.

— A prefeitura fez algumas obras para o restabelecimento das funções essenciais da cidade, enquanto o Estado do Rio iniciou cinco obras de grande porte, algumas já concluídas. Mas a grande maioria das áreas afetadas pelo desastre não teve qualquer intervenção, como no Morro da Oficina, onde houve o maior número de mortos — disse a promotora. — Sem a reconstrução dessas áreas, com medidas mitigadoras de risco estruturais, não só não se fecha a gestão do desastre, mas principalmente não se encerra o ciclo de sofrimento dos sobreviventes.

O estado afirmou, por nota, que “todas as ações assumidas pelo governo para a recuperação da infraestrutura de Petrópolis estão em andamento” e que não há obras paradas. Acrescentou que já foram investidos mais de R\$ 255 milhões em contenção de encostas, reconstrução de ruas e no reforço estrutural do túnel extravasador. Outros R\$ 147 milhões serão destinados a obras que ainda aguardam licitação”. O Palácio Guanabara di-

ONDE ESTÃO CONCENTRADAS AS ÁREAS ATINGIDAS EM 2022

— Cicatriz de deslizamento — Polígono de risco



Fonte: Relatório Petrópolis 2022, do Departamento de Recursos Minerais (DRM), do governo do estado.

Editoria de Arte

vulgou ainda que, “desde a tragédia de 2011 — quando morreram 918 pessoas na Região Serrana —, o investimento em Petrópolis foi de R\$ 700 milhões”.

Já a prefeitura de Petrópolis afirma que 48 das 129 obras assumidas pelo município foram concluídas no

ano passado. Dentre elas, estão serviços de contenção de margens de rios (23) e recuperação de redes de drenagem (seis). Outras 41 estão em andamento, e 40 aguardam licitação. Sobre os cem pontos à espera de obras, a prefeitura informou que busca um convê-

nio com o estado para a realização dos projetos.

Enquanto autoridades discutem a recuperação da cidade, quem enfrentou a tragédia de um ano atrás tenta se recuperar. Mas não tem sido fácil para Adalto da Silva, de 51 anos, que até hoje procura o filho Lucas Rufino, de 20, que desapareceu na avalanche no Morro da Oficina.

— Vi tudo. Coloquei minha esposa e minha filhinha lá embaixo, achei que era seguro. Voltei falando que a terra tinha levado o Lucas, mas eu não sabia que elas tinham sido atingidas também — relembra.

MULHER E FILHA MORTAS

A mulher e a filha mais nova de Adalto, de 6 anos, foram encontradas sem vida. A família diz que o corpo de Lucas também foi localizado e identificado, mas depois desapareceu.

— É uma dor que sei que vou carregar para o resto da vida. Tudo tem começo, meio e fim. Para mim, não tem fim. É um ciclo que não

se fecha. Além disso, conforme se aproximava a data da tragédia, passei a não conseguir dormir. Só consigo pensar em onde está o meu filho. Meu filho não tem nem certidão de óbito, não posso nem sequer visitá-lo no cemitério, como fiz com minha esposa e minha filha no Dia dos Finados — conta Adalto.

Além de Lucas, Heitor Carlos dos Santos, de 61 anos, não foi encontrado até hoje. Ele estava em um dos ônibus arrastados pela correnteza na Rua Washington Luís, no centro da cidade. A mãe dele, Dona Alcidea, de 82 anos, disse que nunca teve notícias do filho e que “tenta lidar” com a perda:

— Qualquer mãe sente. Como eu poderia estar? Isso dói.

Sobre o sumiço de Lucas, a 105ª DP (Petrópolis) informou que o corpo reclamado pela família do jovem passou por exame necropsicológico, que comprovou se tratar de outra vítima. O exame de DNA também não mostrou compatibilidade entre os parentes e o corpo analisado.

Colaborou Jaqueline Ribeiro

Uma mulher morre após deslizamento em São Gonçalo

Fortes chuvas também deixaram três pessoas de uma mesma família desaparecidas e um rastro de destruição no município

JÉSSICA MARQUES
jessica.santos@oglobo.com.br

A terça-feira foi de buscas e avaliação dos estragos após a forte chuva que caiu em São Gonçalo, na Região Metropolitana do Rio, na noite de segunda-feira — em quatro horas, foram 192mm de chuva, o terceiro maior volume re-

gistrado na cidade desde 2010. Uma mulher morreu, e três pessoas de uma mesma família desapareceram após o deslizamento de uma encosta no Engenho Pequeno, o bairro mais atingido. Em outras localidades, famílias perderam todos os seus pertences por causa de alagamentos.

Em nota, o Corpo de Bom-

beiros informou que foram atendidas cerca de 50 ocorrências, incluindo nove desabrigamentos/deslizamentos e mais de 30 inundações e alagamentos. Diante da situação, a prefeitura decretou situação de emergência e anunciou a concessão de auxílio habitacional temporário de R\$ 600 mensais para as famí-

lias que estão desalojadas ou desabrigadas — de acordo com a Subsecretaria de Defesa Civil, cerca de 50 casas precisaram ser desocupadas.

Roseli de Castro, de 52 anos, estava em casa quando parte de um morro veio abaixo. Ela morreu na hora.

Em outro ponto do bairro, os bombeiros ainda faziam

buscas na noite de ontem para localizar o casal Alan Santiago Cabral, de 45 anos, e Rosilene Pereira Santiago, de 34, e filha deles, Maitê Santiago, de 4, que estão desaparecidos desde que um barranco de lama deslizou sobre a casa deles na madrugada de ontem.

— Eu só quero minha filha de volta, e com vida. Não con-

sigo acreditar que isso aconteceu — desabafou Rosilene Pereira, mãe de Rosilene.

Prefeito de São Gonçalo, Capitão Nelson destacou o grande volume de chuva nos últimos dias. Segundo ele, “a cidade não tem como comportar”:

— No primeiro temporal, foram 200mm (de chuva). Nenhuma cidade no mundo tem condições de comportar essa quantidade de água, mas estamos trabalhando. Estamos com 47 pontos de apoio e foram soadas 21 sirenes. A terra deslizou porque não houve tempo de toda a água infiltrar.